

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOCENTES NA AMAZÔNIA PARAENSE: O CENÁRIO DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria do Socorro Castro **Hage** – UEPA

Marina Graziela **Feldmann** – PUC/SP

Resumo

Esta pesquisa é o resultado parcial do pós-doutoramento que está sendo desenvolvido na PUC/SP vinculado ao Programa de Educação: Currículo, onde investigo a história e memória docente na Amazônia paraense, tendo como base a formação dos profissionais que atuam na educação infantil. Esse estudo tem se utilizado das histórias e memórias desses profissionais como caminho metodológico. Esta investigação se orienta a partir dos questionamentos: Em que medida a formação propiciada aos professores da educação infantil no Estado do Pará tem subsidiado as suas ações pedagógicas em sala de aula? Que desafios estes professores enfrentam para desenvolver atividades inovadoras no cotidiano da escola? O estudo intenciona investigar a qualificação propiciada aos professores da educação infantil no contexto da Amazônia Paraense, assim como identificar quais os maiores desafios que estes professores enfrentam para desenvolver sua ação docente neste nível de ensino nas escolas localizadas no campo apresentando referenciais teórico-práticos que contribuam para o redimensionamento da formação docente.

Palavras- Chave: Educação Infantil, Formação de professor, História e memória, Ação docente.

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOCENTES NA AMAZÔNIA PARAENSE: O CENÁRIO DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta pesquisa intitulada: Histórias e Memórias Docentes na Amazônia Paraense: o cenário da formação do professor de Educação Infantil é o resultado de um estudo que se encontra em fase de conclusão e faz parte do Projeto de pós-doutoramento que está sendo desenvolvido na PUC/SP no Programa de Educação: Currículo, objetivando investigar a história e memória docente na Amazônia paraense, tendo como base a formação dos profissionais que atuam na educação infantil. O interesse em pesquisar esta temática, surge da necessidade de analisar criticamente o processo de formação dos

professores da educação infantil em nossa região em confronto com as ações pedagógicas efetivadas por esses profissionais em seu espaço de trabalho.

A partir da interpretação da formação dos professores que atuam nesta etapa escolar e tomando como material de análise as histórias e memórias destes docentes investigados, objetivamos também mostrar indicadores que possibilitem uma reflexão contextualizada sobre as temáticas da formação e atuação destes profissionais que desenvolvem as práticas pedagógicas, mais especificamente neste nível de ensino e em escolas que estão localizadas no meu rural.

Como professora da Universidade do Estado do Pará e desenvolvendo minhas atividades docentes em vários Municípios da Amazônia Paraense, tenho observado e me inquietado com o processo de formação dos professores da educação infantil que trabalham em escolas inseridas no campo, uma vez que as ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula por estes profissionais tem revelado uma precariedade em vários aspectos.

O horizonte que orienta a realização desse estudo se pauta pela expectativa de que possamos fortalecer os processos formativos fundidos em bases teóricas sólidas e orientados pelos princípios de qualidade e relevância social, que se concretizem através da formação de profissionais autônomos e críticos, comprometidos com a mudança das condições de desigualdade da população brasileira.

Visualizamos assim, a amplitude e complexidade que envolve o campo da formação e atuação dos professores, em que se destaca como necessidade, não apenas compreendermos como nos formamos como docentes, mas a tomada de consciência do reconhecimento de nós mesmos como sujeito aprendente, que nas relações sociais estabelecidas, forma e se forma enquanto pessoa, profissional e cidadão.

Neste sentido, nosso estudo apresenta como viés metodológico o resgate das histórias e memórias docentes, por reconhecer que na utilização de fontes orais, no resgate das memórias, há a possibilidade de operar novas inclusões e, portanto, de construir interpretações que contemplem as perspectivas dos diversos sujeitos sociais, a partir dos lugares sociais que eles mesmos ocupam.

A utilização das memórias na produção educacional brasileira tem crescido muito nos últimos anos, tornando-se clara a recorrência do interesse pela tematização na dupla vertente dos estudos histórico-educacionais e das proposições de modalidade de formação baseadas no recurso à memória.

Para Catani (1993) acerca do recurso à memória nos processos formadores, já se vinha insistindo sobre o potencial que as narrativas autobiográficas, relatos de formação ou histórias de vida em formação possuem. O pressuposto sobre o qual se assenta a proposição de escrita dos relatos de formação / narrativas autobiográficas é o de que esse processo favorece para os sujeitos a reconfiguração de suas próprias experiências de formação e escolarização e enseja uma atenção mais acurada para com as situações nas quais se responsabiliza pela formação do outro.

O uso pedagógico das histórias e das memórias docentes torna-se importante, porque permite a passagem da memória pessoal à história da sociedade e da educação, trânsito esse tão frutífero para a compreensão de si mesmo e do mundo, já que jogamos luz, por meio desses instrumentos, no processo de tornar-se pessoa sítio de vivências, de educadores que trazemos internalizados e cuja influência sobre nós, às vezes, não enfrentamos.

As memórias de formação buscam apreender na constituição do sujeito que as formula as precariedades e singularidades que deslocam as explicações normatizadoras sobre a formação docente, abrindo espaço à expressão de experiências determinadas, respostas possíveis a problemas concretos, configurações saturadas de tensão que dialogam com as políticas, as teorias e as práticas de constituição de professores, e que, ao responder à necessidade de preservar o singular, provocam o reencontro dos indivíduos com a história coletiva que conformou suas possibilidades de pensar, sentir, querer e agir.

As trajetórias escolares e as memórias de formação são lugares privilegiados de construção do entendimento. São experiências intensas de exposição e autoconhecimento, de descoberta dos laços entre a memória pessoal e social.

Para Nunes (2003) a narração das memórias e a escrita da história não podem ser monopólio da Universidade, mas instrumentos das mais diferentes comunidades interpretativas para a produção de um discurso genuinamente libertador, que toma corpo ao incentivar que o sujeito se reconheça e, dessa forma, se torne capaz de envolver-se com o mundo, responsabilizando-se, na medida das suas circunstâncias, dos seus limites e possibilidades, pelas trocas culturais, antropológicas, históricas e pedagógicas. A educação pela memória conduz o sujeito simultaneamente para dentro de si mesmo e para fora de si num processo contínuo de solidariedade, no qual a diferença do outro, quando percebida, é afirmada, e não desqualificada.

Com base nesses pressupostos é que estamos em processo de desenvolvimento desse estudo, considerando nossa atuação como docente da Universidade do Estado do Pará e como pesquisadora e líder de um Grupo de Pesquisa que tem desenvolvido estudos na linha de formação de professores, principalmente nos Municípios de nosso Estado e onde a UEPA possui Campis de interiorização.

A REALIDADE DAS ESCOLAS NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA PARAENSE

O Estado do Pará (PA) é o segundo maior Estado do Brasil em extensão territorial e constitui um dado populacional de aproximadamente 7.581.051 habitantes, conforme dados estatísticos do Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010.

Neste Estado a realidade vivenciada pelos que residem no campo denuncia grandes desafios que são enfrentados para que sejam cumpridos com vigor todos os procedimentos pautados pelas legislações educacionais que definem os parâmetros que deveriam ser executados para que houvesse êxito no ensino público do campo, parâmetros esses que só foram conquistados graças às lutas de movimentos sociais populares.

Diante deste contingente, o contexto paraense é marcado por sua complexidade e por abranger uma infinidade cultural devido aos diferentes povos e as habitações aqui encontradas.

Entre os habitantes da Região encontramos povos indígenas, caboclos, quilombolas, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras (HAGE, 2005, p. 64).

Em meio a tantas diferenças culturais, percebemos que a educação no Estado do Pará no campo não foge do contexto heterogêneo, já que também enfrenta desafios por uma perspectiva de educação mais incluyente e proporcional que possibilite aos sujeitos um melhor aproveitamento em relação os conteúdos curriculares aplicados em sala de aula.

A educação no Pará não é muito diferente da educação de outros estados, pois, assim como nos outros, ela também sofre com a falta de investimento, principalmente no que concerne a educação no campo.

São muitos os fatores que evidenciam as condições existenciais inadequadas dessas escolas, que não estimulam os professores e os estudantes a nelas permanecerem ou sentir orgulho de estudar em sua própria comunidade, fortalecendo ainda mais o estigma da escolarização empobrecida e abandonada que tem sido ofertada no meio rural, e incentivando as populações do campo a buscar alternativas de estudar na cidade, como solução para os problemas encontrados. (IBID, 2010, p. 2)

No Pará essas escolas são caracterizadas por suas particularidades, a maioria delas está situada em locais ribeirinhos, espaços quilombolas, em assentamentos, e em locais distantes da cidade, ou seja, no campo.

Assim, manter a identidade das comunidades que residem no campo é indispensável à utilização de conteúdos e práticas educativas condizentes com suas realidades, tornando-se também imprescindíveis educadores conhecedores do cotidiano dos discentes para que esses possam ensinar conteúdos adequados e proporcionais às realidades dos educandos, utilizando-se de recursos pedagógicos existentes no próprio campo como, por exemplo, utilizar o período da safra da pimenta, do maracujá, da laranja, melancia entre outros para explicar e relacionar os assuntos abordados com a realidade dos alunos.

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento *por uma educação do campo* é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem direito de ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (CALDART, 2004, p. 149-150).

Com isso, a preocupação com a qualidade da educação tem ocupado um papel relevante nos discursos e nos programas educacionais, visto que a educação é destacada como fator primordial para o desenvolvimento de um país, neste sentido há uma contradição entre teoria e prática quando se fala de educação do campo.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Atualmente a formação de professores tem sido tema de muitos estudos e debates por se configurar em um dos aspectos mais importantes para a qualidade da educação em nosso país, sem desconsiderar qualquer nível ou modalidade de ensino, e nesse cenário é importante ressaltar a necessidade de uma qualificação efetiva e competente do profissional que atua nas classes de educação infantil, e principalmente daquelas que estão localizadas no campo.

Diante desse contexto, vale ressaltar que:

Formação é um processo inicial e contínuo, que deve dar respostas aos desafios do cotidiano escolar, da contemporaneidade e do avanço tecnológico. O professor é um dos principais sujeitos que mais necessidade tem de se manter atualizado, aliando a tarefa de ensinar a tarefa de estudar. Transformar essa necessidade em direito fundamental para o alcance de sua valorização profissional e desempenho em patamares de competência exigidos pela sua própria função social. (VEIGA, 1999, p. 26)

Neste sentido a identidade profissional do professor é sua formação, desta forma ele precisa dar um novo significado a sua profissão e posicionar-se diante de sua atividade docente, enquanto ator e autor dos seus anseios e angústias e principalmente dos seus saberes.

É fundamental que se tenha no contexto escolar professores capacitados e qualificados para exercerem suas funções, e desta forma contribuir e levar para as escolas, principalmente as que estão localizadas no campo, práticas facilitadoras que sejam e estejam relacionadas ao cotidiano dos alunos, sempre numa perspectiva de facilitar a compreensão destes sujeitos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o Art. 62 afirma que:

A formação de docente para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério [...].

Porém, mesmo com essas exigências ainda existem professores atuantes formados apenas com o ensino médio normal, essa é uma realidade vivenciada nas cidades e principalmente no campo onde muitos professores não possuem graduação. Neste sentido a formação de professores é uma problemática que necessita ser repensada, pois o campo educacional precisa de transformação no processo de formação inicial e continuada dos mesmos para que assim possam elevar o índice de qualidade escolar do campo com práticas pedagógicas articuladoras e condizentes com o cotidiano dos alunos do campo.

Nesta perspectiva, a formação dos professores está sendo amplamente discutida no cenário brasileiro. Representantes dos setores educacionais têm promovido inúmeros debates, apresentando propostas, para que a formação seja uma preocupação dos governos e não esteja contemplada somente na LDB 9394/96 e nos decretos, como o nº 6.755 de 01/09/2009, que institui uma política nacional para a formação de profissionais do magistério da educação básica, mas que seja efetivamente colocada em prática por meio de programas voltados ao atendimento das necessidades formativas de

professores, no caso específico dos professores do campo. (GUIMARÃES, 2012. P. 45).

No que diz respeito à formação do professor de educação infantil, é importante considerar que as discussões acerca da formação deste profissional revelam um contexto preocupante, pois a existência de professores sem formação adequada, ainda é bastante evidente no cotidiano educacional.

Embora não existam informações abrangentes sobre os profissionais que atuam diretamente com as crianças nas creches e pré-escolas do país, vários estudos tem mostrado que muitos destes profissionais ainda não têm formação adequada, recebem remuneração baixa e trabalham sob condições bastante precárias. (BRASIL, RCNEI, 2001, p.39)

No entanto, a realidade que norteia o trabalho educacional dos professores da educação infantil, destaca uma formação precária, impedindo que este profissional tenha postura e metodologia condizente à nível de ensino, ou seja, nesta fase o trabalho pedagógico deve basear-se no lúdico, possibilitando à criança através de jogos e brincadeiras assimilar o mundo ao seu redor. Sobre isso Fontana (1997, p.120) afirma:

Existe ainda a concepção segundo a qual “brincando a criança aprende”, que pode ser traduzida em métodos educacionais que valorizam a brincadeira e procuram evitar uma distinção rígida entre o jogo e “tarefas sérias”. Nesse caso, os jogos podem ser introduzidos como recursos didáticos importantes, ou, então, especialmente na pré-escola, todo o trabalho pedagógico pode basear-se na brincadeira.

Porém, para que haja direcionamento nas atividades lúdicas, é indispensável organização, planejamento e recursos didáticos disponíveis. No cotidiano escolar, observam-se professores pouco estimulados a inovar em sala de aula, utilizando em muitos casos metodologias improvisadas, que não geram resultados satisfatórios no decorrer das atividades.

Nesse sentido, o lúdico torna-se às vezes apenas um “passatempo”, sem a intencionalidade pedagógica necessária para que o educador possibilite à criança uma prática educacional concreta, motivadora e prazerosa.

Acreditar que a educadora de crianças pequenas seja capaz de exercer a autonomia de seu processo formativo pressupõe mudanças conceituais e de condições objetivas de trabalho com todas as instituições e segmentos diretamente envolvidos: como a universidade, trazendo e levando questões práticas para a investigação teórica e as teorias, por sua vez, encontrando suas raízes nas práticas, e com as políticas governamentais, no reconhecimento do papel social dos profissionais da educação, especialmente das educadoras de crianças pequenas. (GOMES, 2009, p. 53)

Um dos grandes desafios atuais com relação às práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores da educação infantil, diz respeito à muitos fatores, dentre eles: má remuneração, a falta de recursos, infraestrutura precária, excesso de alunos em sala de aula, má formação inicial e falta de atualização profissional ou ausência de formação continuada, o que reflete na diretamente no seu trabalho em sala de aula.

As teorias apresentadas, discutidas e exploradas durante a formação do professor tentam dar subsídio para a atuação docente, no entanto quando se chega à prática percebe-se que as teorias dificilmente podem ser aplicadas às diversas realidades encontradas em sala de aula. Quando o educador recém-formado chega à sala de aula depara-se com uma realidade bem distante do que fora debatido ao longo de sua formação, percebe então que foi lhe dado “o que fazer”, a metodologia, mas não lhe foi ensinado “o como fazer”, ele se vê impotente, e não sabendo como prender a atenção dos alunos, esquece o quanto criticou a pedagogia tradicional e os professores que a usavam, e se vê desenvolvendo exatamente a mesma ação. Para facilitar a prática pedagógica do professor é preciso compreender que:

O trabalho com crianças na educação infantil deve considerar o processo de aprendizagem que vai sendo construído a cada fase de seu desenvolvimento. O educador deve estar ciente de que cada criança é única, tem sua própria identidade e um ritmo particular de desenvolvimento; considerar não somente seu processo de maturação natural e suas características individuais, mas estar apto a propor situações desafiadoras, que levem paulatinamente à conquista de sua autonomia. (VELANGA, 2008, p. 161 a 162).

É por meio do desafio que se motiva a criança às ações educativas que possibilitam seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Quanto à formação é fundamental que o professor busque aperfeiçoar-se constantemente para que se atualize, melhorando a qualidade de suas aulas e conseqüentemente facilite o aprendizado dos alunos, pois se acredita que além de possibilitar crescimento profissional a formação continuada contribui para a melhoria da educação, porém o que tem sido observado são:

Ações de formação que retiram professores de seu ambiente de trabalho e depois os retornam às escolas para “aplicar” o que aprenderam têm se revelado pouco eficientes. Se os valores e ideias propostos nos cursos conflitam com aquelas presentes na sua escola há pouca possibilidade de que uma efetiva mudança ocorra. (SOUZA, D. ; SOUZA, M. 2008, p.53)

Portanto não basta que os professores sejam capacitados em serviço, pois nem sempre o aprendizado dessa formação ou atualização profissional será condizente com a realidade encontrada na escola, logo para Souza (2008) é preciso que haja um projeto da escola, por meio do qual os professores estarão inseridos por fazer parte desse meio e todos os outros envolvidos na escola, realizando uma mudança nesta para que facilite o aprendizado dos alunos, pois o problema pode não está no professor e sim no local onde ele atua, pois a estrutura e os recursos disponibilizados influenciam na prática docente.

No cenário educacional observam-se histórica e atualmente diversas críticas direcionadas ao profissional que atua diretamente com crianças, o professor é citado como o responsável pela baixa qualidade da educação, no entanto são desconsiderados os problemas que esse profissional encontra no decorrer de sua atuação docente, que vão desde a sua formação à remuneração, passando por estrutura precária para atuar, dentre outros problemas encontrados no âmbito educacional.

Todos esses fatores sejam individual ou coletivamente são desestimulantes e dificultam do processo de ensino e aprendizagem. São muitas as dificuldades encontradas pelo professor durante sua atuação, no entanto, é fundamental que este vise aprimorar seus conhecimentos e metodologias que possam auxiliá-lo em sua prática diária.

É importante ressaltar que atuar na docência na educação infantil é muito mais ensinar a ler e escrever, é assumir um compromisso com a educação, é também aprender com as crianças, é se surpreender com cada nova descoberta, e é reconhecer que essa profissão tão banalizada e desvalorizada, na verdade encontra-se em grande dificuldade por causa da sua formação. O professor vem enfrentando inúmeros problemas e se descentralizando de sua função dentro da sociedade, não por desinteresse, mas por falta de estímulos e valorização da sua carreira.

Ao longo da formação os futuros professores aprendem como devem atuar, mas não são instigados a vivenciar práticas pedagógicas na educação infantil, por exemplo, o que o leva a sentir-se perdido quando inicia sua atuação profissional neste nível de ensino. Portanto a qualificação profissional do educador está intrinsecamente ligada à sua formação inicial.

Até aquela altura da nossa formação, nosso contato fora apenas com crianças maiores. Mesmo que já tivéssemos lido e estudado a respeito do trabalho com crianças pequenas, não conseguíamos pensar concretamente sobre o que faria parte de sua rotina. Com certeza sabíamos dos cuidados pertinentes ao dia-a-dia delas, porém nossa indagação maior era: que tipo de trabalho desenvolver

com essas crianças ainda tão pequenas, que “não falam”, na escrevem e nem conseguem segurar “direito” um lápis, um pincel etc? (SOUZA; WEISS, 2008, p.34)

O conhecimento do contexto no qual as crianças fazem parte ajuda das propostas de atividades a serem realizadas. A partir de elementos presentes na realidade da criança, o professor poderá organizar situações que visem estimular a percepção da mesma, principalmente por meio do lúdico.

Atividades lúdicas, como por exemplo, o faz-de-conta, o jogo, dentre outras, podem ser realizadas em pequenos grupos, o que facilitará ao professor observar e mediar as atividades, estimulando também a aprendizagem em contato com o outro. Diante disso “o trabalho em pequenos grupos permite às crianças e aos educadores experiências mais aprofundadas e, portanto, mais significativas [...]” (ROSA; LOPES, 2008, p.57)

Ao compreender a criança como sujeito principal do processo educativo, o educador cria situações concretas que proporcionam experiências relevantes, ajudando a mesma na construção do seu conhecimento, no diálogo com o outro, na assimilação/interação com o contexto social no qual faz parte. Nesse sentido, é fundamental que o professor se perceba como pesquisador, analisando os diferentes aspectos de um dado processo educativo. Esse olhar investigativo sobre a própria ação permite observar os limites e dificuldades no decorrer das atividades pedagógicas. É nesse contexto rodeado de situações na qual o professor precisa refletir e tomar decisões que o mesmo se faz educador.

O papel do professor centraliza-se na provocação de oportunidades de descobertas, através de uma espécie de facilitação alerta e inspirada e de estimulação do diálogo, de ação conjunta e da construção de conhecimento pela criança. Uma vez que a descoberta intelectual é supostamente um processo essencialmente social, o professor auxilia mesmo quando as crianças menores aprendem a ouvir outros, a levar em consideração seus objetivos e ideias e a se comunicar com sucesso. (EDWARDS, 1999, p.161 apud ROSA; LOPES, 2008, p.57)

É necessário que se compreenda como vem ocorrendo o processo de formação do professor para atuar na educação infantil, formação essa que nem sempre acompanha as rápidas mudanças ocorridas no mundo, mas gradativamente alcança certos avanços, ainda que algumas instituições retrocedam no que se refere às metodologias aplicadas e teorias que sustentam a atuação docente. Aos futuros profissionais pedagogos não cabem apenas ouvir teorias, deve-se relacionar teoria a prática, pensando sempre em

uma nova possibilidade de melhorar o quadro educacional, pois se aprende mais quando sente-se familiarizado com a realidade da criança.

O educador infantil se configura como facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Quando são apresentadas às crianças situações problemas, estas sentem-se motivadas à buscar meios para solucioná-las, portanto é papel do educador estabelecer conhecimentos com perguntas e repostas sem respostas prévias, é importante compreender neste processo que suas experiências de vida são válidas e os aprendizados podem sofrer alterações e adaptações.

Portanto, para que haja qualidade na educação infantil é fundamental um corpo docente capacitado, condições de trabalho favoráveis, como por exemplo, infraestrutura adequada e recursos didáticos. Além disso, a formação continuada do profissional atuante nesta etapa escolar aponta um fator que contribuirá no trabalho com as crianças, pois dará subsídios para um trabalho coerente, significativo e de qualidade.

E no que diz respeito à formação do professor que atua na educação infantil nas escolas que estão inseridas no campo, esta qualificação se faz mais urgente e necessária, por conta das especificidades e peculiaridades que as mesmas vivenciam no seu cotidiano escolar.

ANÁLISE PRELIMINAR DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A fase da pesquisa de campo deste Projeto está sendo de ouvir, registrar e analisar as histórias e as memórias docentes dos professores da educação infantil que estão localizadas na Amazônia Paraense, e mais especificamente nos Municípios onde atuo como professora da Universidade do Estado.

Tivemos como sujeitos deste estudo 15 professores que desenvolvem suas atividades docentes na educação infantil nos Municípios de Igarapé-Açu, em 06 escolas localizadas no meio rural do referido Município.

Do total de professores estudados a maioria já atua na docência há mais de dez anos, 10 possuem ensino superior, 03 estão cursando e apenas 02 possuem o ensino médio. Esse cenário nos faz perceber que apesar de todos os entraves enfrentados por esses profissionais para atuar em sala de aula, a grande maioria apresenta uma gama de experiência nestes espaços, assim como também estes têm buscado se qualificar com ensino superior em pedagogia como forma de subsidiar suas ações nas turmas de educação infantil situadas no campo.

Quando foram indagadas acerca do perfil das crianças que frequentam as turmas de educação infantil no espaço pesquisado, obtivemos como respostas:

A maioria tem entre 03 à 05 anos, moram nas vilas próximas à escola e possuem um nível social muito abaixo do esperado. O ponto positivo que percebemos é que eles gostam muito da escola e dos colegas. (Professoras A, D,E)

As crianças são muito carentes. Alguns moram com os parentes. E a idade varia entre 04 e 05 anos. A família Trabalha na roça, na plantação de maracujá e pimenta. etc (Professora B)

Na minha turma tem de tudo: Crianças de 04 a 12 anos. Desses, 07 estão na educação infantil. Estas crianças apresentam algumas dificuldades de aprendizagem por não terem o acompanhamento da família, que trabalham muito e não tem tempo de vir á escola. São todos filhos de pais trabalhadores de lavoura. (Professora C)

Bom, na minha sala de aula, as crianças apresentam uma situação econômica que não é ruim porque se vestem bem, quando não tem merenda eles trazem lanche de casa. São crianças bem comportados, nunca me deram trabalho, são obedientes, resolvem as atividades de sala. (Professor G)

Em relação ao econômico é razoável e ao comportamental é muito bom. As crianças da educação infantil sempre exigem um pouco mais de atenção de nossa parte, mas tem conseguido acompanhar o restante da turma. (Professor F)

Neste sentido, podemos constatar que o perfil destas crianças da educação infantil demonstra um cenário típico de nossa região, onde os pais na zona rural trabalham nos roçados, são de baixa renda na sua maioria e as crianças só tem a escola como espaço de aprendizagem. E o fato destas crianças estarem ainda inseridas nas turmas multisseriadas, dificulta sobremaneira o trabalho pedagógico do professor na sala de aula, uma vez que a educação infantil fica sempre relegadas a um segundo plano, segundo as professoras ouvidas, pois as crianças maiores cobram mais atenção, perguntam mais, e apresentam muitas dúvidas sobre os conteúdos trabalhados.

Os alunos de algumas escolas apresentam uma vida econômica mais carente do que em outras, tendo em vista que ao visitarmos as casas de algumas crianças percebemos que são casas muito simples, construídas com barro, e uma precariedade de luz elétrica e água potável. Observamos ainda nas escolas que existem crianças que frequentam a escola somente pela distribuição da merenda, haja vista que depois do lanche esses alunos se retiram da escola, ou quando a mesma fica sem a merenda ocorre uma evasão significativa de alunos.

Ao perguntarmos o que levou estes professores a trabalhar na docência e nas escolas situadas no campo, a memória e a história se entrelaçam nos depoimentos abaixo:

Sempre morei na zona rural e tinha uma vontade de um dia ser professora e trabalhar com as crianças da minha comunidade. Ainda não consegui tudo o que pensei, pois ainda estou terminando meu curso superior. Eu sei que o fato de morar perto deles me faz entender melhor a realidade que eles vivem. E isso eu trabalho na minha sala de aula. (Professora C)

Minha família sempre quis que eu fosse professora. Lutei e estudei muito para está aqui. É difícil? É...fico desmotivada às vezes mas vejo os alunos e sua vontade de aprender e busco forças para ajuda-los. Moro em Igarapé Açu e passo muito “perrengue” pra chegar na escola todo dia....(Professora A)

O que me levou a ser professora aqui? Muitas coisas. Minha vontade de estudar e ter um curso superior. Poder trabalhar com estes alunos que moram na zona rural e querer fazer algo de importante por eles. Apesar de todas as nossas dificuldades, desta profissão ...eu sei que vale a pena este trabalho. Deixo minha família na outra cidade e venho pra cá todo dia É um desafio!!! (Professora B)

Lembro da minha primeira turma de crianças. Era numa escola do Município. Eu tinha muito medo de não acertar, de não fazer da maneira certa....Agora estou mais segura, tenho mais confiança no trabalho com esta turma. É uma sala diferente: multisseriada, na zona rural e tenho que ensinar crianças de diferentes idades e na mesma turma. É muito difícil o trabalho, a gente sempre enfrenta muitas dificuldades para trabalhar aqui...(Professora D)

Percebe-se nestes depoimentos que as professoras tem um comprometimento com a profissão que escolheram, mesmo diante das inúmeras dificuldades e da realidade adversa de uma escola situada no campo e trabalhando no regime multisseriado.

Neste sentido, Cunha (2003, p.56) afirma que:

O trabalho cotidiano dos professores (as) não pode ser visto como algo desligado do contexto. A tarefa de ensinar é árdua e complexa, como complexos são os contextos em que se desenvolve o ensino. É para esses contextos sociais diferentes que o professor (a) deve estar atento no seu labor diário. Saber agir com competência significa obter sucesso na tarefa de ensinar [...].

Ainda com relação às falas dos sujeitos da pesquisa, podemos considerar que a memória e a história destas professoras se entrelaçam e constituem uma busca constante de melhoria do ensino, da escola e do processo de aprendizagem das crianças em sala de aula. Algumas delas residem nas comunidades onde trabalham, outras necessitam se deslocar da cidade para trabalhar na zona rural. As realidades destas são diferenciadas,

mas o compromisso, a luta, e a responsabilidade assumidas por elas para mudar a educação das crianças é a mesma.

No que diz respeito à importância da formação do professor para atuar nas turmas de educação infantil, numa realidade do campo, as entrevistadas assim se posicionaram:

Sim, a formação é importante para o aperfeiçoamento. E enriquece o leque de conhecimento em determinadas atividades. Principalmente numa turma tão diferente como a que a gente trabalha. (Professora A)

Sim, pois a formação nos ajuda a desenvolver nossas metodologias na prática pedagógica. E sem contar que as crianças aqui nesta escola precisam de metodologias diferentes, que motivem e que façam com que elas aprendam mais rápido. (Professora B)

É muito importante sim, porque o professor quanto mais estuda mais ele adquire conhecimento. Quando fiz o magistério há uns 15 anos atrás era tudo diferente e hoje estou tendo a possibilidade de estar estudando num curso superior, fazendo pedagogia. Isto me trouxe muito conhecimento, porque o conhecimento deve ser mais valorizado na prática. Adquire muitas experiências no momento em que ele pega uma sala de aula. (Professora C)

Sim e não, porque muitas vezes o professor sai de uma Universidade, aprende várias teorias, vários conteúdos, vários métodos, mas quando chega na sala de aula vai depender muito da questão se ele vai aplicar ou não. Muitas vezes ele sabe, mas é mais fácil trabalhar do outro jeito, uma aula tradicional é mais fácil. E por outro lado tem professores que não tem essa formação mas que dão show na sala de aula. Ele tem aquele comprometimento, aquele interesse em desenvolver atividades diferenciadas mesmo não tendo uma formação superior. (Professora D)

Faz toda a diferença, porque se a gente não tiver amor e a formação necessária a gente não consegue desenvolver nada, ainda mais na questão da educação infantil e na multisseriada. E quanto mais formação profissional, mais o professor consegue desenvolver um trabalho pedagógico diferente com a sua turma. (Professora E)

A valorização do profissional da educação é uma necessidade que se estende a todas as formas de organização educacional, mas percebemos que diante de todas as precariedades educacionais as escolas multisseriadas são as mais desfavorecidas e prejudicadas, justamente pela falta de capacitação profissional e de formações específicas ao cotidiano dos sujeitos do campo.

E neste contexto, a educação infantil requer também um profissional qualificado e apto a enfrentar as adversidades presentes, principalmente no que diz respeito à realidade das escolas pesquisadas.

Nesse sentido, é importante constatar que a formação do professor possibilita a mudança do pensamento deste com relação à sua prática docente. Faz com que perceba

a importância de inovar em sala de aula, como forma de facilitar a aprendizagem de seus alunos.

O desafio de educar não é pequeno, mas entendemos que será a partir das práticas em cada um desses espaços, na cidade e no campo, compreendendo-os como dimensões concretas da vida cotidiana, que avançaremos em direção a uma educação reflexiva, transformadora e formativa. (MARTINS e CONDE, 2011, p.40)

Diante disso é fundamental a consolidação de práticas voltadas à realidade dos alunos e que estejam coerentes ao período educacional das crianças. Visto que durante a educação pré-escolar é necessário a implantação de ideias e atividades capazes de promover o aprendizado e favorecer a aquisição de conhecimentos nas fases posteriores na educação.

Cabe aos professores realizar atividades que possibilite o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças, pois dessa forma contribuem para o crescimento e interação social destas, realizando seu papel de agente transformador da sociedade.

Através desta pesquisa constatamos que as situações a que os sujeitos do campo estão submetidos retrata a realidade das escolas multisseriadas no município de Igarapé-Açu e ao analisarmos as entrevistas realizadas com professores e alunos percebemos que o sonho de se ter uma escola pública de qualidade está longe de ser realizado, uma vez que a falta de compromisso e investimento e as problemáticas que envolvem esta forma de organização educacional tem se configurado num retrato da realidade educacional das escolas multisseriadas no município de Igarapé-Açu.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol. 1, Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB**, Brasília: 1996.

CNE/CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB Nº 1, de 3 de Abril de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf>. Acessado em 25 de julho de 2012.

CALDART, Roseli Salete. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do Campo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. Editora SENAC, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

GUIMARÃES, Waldenira Santos. Políticas Públicas de Educação do Campo e Formação de Professores. In: ROCHA, Solange Helena Ximenes; COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa (Orgs.). **Formação de Professores: Pesquisa com ênfase na escola do campo**. Curitiba (PR): Editora CRV, 2012.

HAGE, Maria do Socorro Castro. **Formação de Professores: reflexões sobre seu saber/fazer**, Revista Cocar, UEPA, 2010, p. 3.

HAGE, Salomão Mufarrej. Educação na Amazônia: identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In: _____. (Org). **Educação do Campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg, 2005.

JOSSO, Marie – Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.

KAPPEL, Dolores Bombardelli. Educação Infantil e formação. IN: KRAMER, Sonia (org). **Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005. p. 181.

MARTINS, Maria de Fátima A; CONDE, Fernando. **A dialética campo-cidade e o desafio de educar**. Presença pedagógica. Belo Horizonte: Minas Gerais. V.17, nº 99, maio/junho 2011.

REGO, Maria Carmen F. Diógenes; PERNAMBUCO, Marta Maria C. Almeida. **Formação do Educador Infantil: Identificando dificuldades e desafios**. 2003

SÁ, Maria Reneude de. **Analfabetismo e alfabetização: representações de professores alfabetizadores de camponeses quilombolas jovens e adultos**. Tese de Doutorado. Puc/SP, 2012.

SOUZA, Eliseu Clementino de & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

----- **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro, DP&A, ; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SOUZA, Andressa Celis; WEISS, Vanilda. Aprendendo a ser professora de bebês. IN: OSTETTO, Luciana (org). **Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência com atividade profissional. In _____. D'ÁVILA, Cristina (org). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. São Paulo: Papirus, 1999.